

OPERACIONALIZAÇÃO DO CONCEITO DE CLASSES SOCIAIS EM ESTUDOS EPIDEMIOLÓGICOS

Molina, Vera Lúcia Ignácio¹, Kamimura, P Quésia²

¹Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas/Curso de Serviço Social. UNIVAP. vlim@uol.com.br

²Faculdade de Saúde Pública/USP. Doutoranda, qkamimura@uol.com.br

Resumo- Na sociologia clássica, se encontra a proposta por Marx (XIX), que estabelece um modelo dicotômico, organizado a partir das relações que os homens têm com os meios de produção. Algumas dificuldades surgiram com a expansão do capitalismo, pois outras formas de atividade econômica apareceram e com elas, novas categorias como o sub-emprego, o auto-emprego precário, o desempregado, além de incorporar formas de inatividade econômica, levando os pesquisadores a operacionalizar o conceito de classes sociais. Este artigo, utilizando da revisão bibliográfica, apresenta um conjunto de modelos elaborados nos últimos anos que facilitam o trabalho dos profissionais ao relacionarem a situação sócio-econômica dos participantes de seus estudos aos objetos de investigação. Da análise destes modelos chega-se aos seguintes resultados: (1) é recomendável que se utilize um deles para que se localize o conjunto de participantes do estudo no sistema de classes sociais; (2) este uso supera a redução da situação sócio-econômica às variáveis escolaridade, renda e ocupação. Concluiu-se que as relações entre a estrutura social brasileira com suas especificidades, que se materializam na geração de uma heterogeneidade sócio-econômica incluindo aí o segmento do auto-emprego e as formas exarcebadas de destituição do universo do trabalho assalariado, estão a exigir o cumprimento dos pressupostos teórico-metodológicos das ciências sociais, pois são eles que permitem distinguir as posições dos diferentes agentes sociais e relacioná-las às condições de saúde.

Palavras-chave: Classes sociais, modelos de operacionalização, saúde pública

Área do Conhecimento: Serviço Social

Introdução

Quando se trata de avaliar as condições de saúde de uma determinada população e relacioná-las com a situação sócio-econômica, uma questão que se impõe é que modelo e quais serão os indicadores a serem utilizados? A situação sócio-econômica e as condições de saúde das pessoas continuam sendo um tema relevante na pesquisa em saúde coletiva. Coloca-se em debate a questão da desigualdade social como determinante das condições de saúde das populações, pois se estabelece uma conexão entre a posição social relativa que cada grupo social ocupa na sociedade e os diferenciais riscos para muitas das doenças, como também o acesso aos serviços de saúde bucal da população.

Na sociologia clássica, o modelo que se encontra é a proposta por Marx no século XIX, organiza um modelo a partir das relações que os homens têm com os meios de produção. Assim, de um lado se tem as classes burguesas, onde se concentram os proprietários dos meios de produção, e de outro as classes trabalhadoras, onde se encontram os trabalhadores operacionais. Os marxistas contemporâneos acabaram atualizando esse modelo clássico e adotando o conceito de classe social tal como elaborado por Lênin (1957).

Este artigo apresenta um conjunto de modelos, elaborados nos últimos anos, que operacionalizam o conceito de classes sociais facilitando o trabalho dos profissionais ao relacionarem a situação sócio-econômica dos participantes de seus estudos e seus objetos de investigação.

Metodologia

Este estudo utiliza o procedimento técnico denominado por revisão bibliográfica. Por meio deste procedimento se relacionou os modelos aplicados nos estudos de saúde pública, que definem as variáveis e indicadores para definição da situação de classe social de uma dada população ou amostra.

Revisão de Literatura

Na sociologia clássica, o modelo que se encontra é a proposta por Marx no século XIX, que estabelece um modelo dicotômico, a partir das relações que os homens têm com os meios de produção. Os marxistas contemporâneos acabaram atualizam esse modelo e adotam o conceito de classe social tal como elaborado por Lênin (1957):

Las clases son grandes grupos de hombres que se diferencian entre si por el lugar que ocupan em um sistema de producción historicamente determinado, por las relaciones em que se encuentran com respecto a los medios de producción (relaciones que em gran parte quedan establecidas y formuladas por las leyes), pó el papel que desempeñan em la organización social Del trabajo y, consiguientemente, por el modo y la proporción em que perciben la parte de riqueza social de que disponen. Las clases son grupos humanos, uno

de los cuales puede apropiarse del trabajo del otro, por ocupar puestos diferentes em um régimen determinado de economía social.

Este modelo clássico, que estruturou a sociedade capitalista industrial, foi sendo questionado uma vez que as análises baseadas em levantamentos de dados por amostragem ou em estudos de populações-alvo enfrentavam sérias limitações no tratamento de dados nos pólos definidos por ele. Com respeito às classes burguesas, a compreensão das situações de classes exige o estudo das estruturas de controle das grandes corporações. Mesmo com referência às classes médias, os novos cargos de gerenciamento e administração dos negócios fazem aparecer outras parcelas para além daquelas indicadas pelo marxismo clássico.

Entre os estudos reproduzidos no Brasil se encontra o modelo proposto por Bronfman & Tuíram, adaptado por Lombardi et al (1988), que estabelece uma classificação a partir da última ocupação do participante. Estes autores acabaram identificando grupos sociais e, assim definindo a situação de classe.

A composição elaborada por Bronfman & Tuíram (1984) foi sendo adaptada em diferentes estudos epidemiológicos, sempre considerando as particularidades da sociedade em questão. Assim, Barros (1986) propõe a operacionalização do conceito de classe se utilizando das informações obtidas sobre a posição na ocupação, o tipo de ocupação, a renda e o número de empregados. No entanto, como os critérios não são excludentes acabam permitindo que a entrada no esquema tanto possa ser realizada pela posição, pelo tipo de ocupação como pelo ramo de atividades. Os próprios autores fizeram uma adaptação em 1982, quando coordenaram a "Encuesta Nacional Demográfica" no México. Em 1985, Victoria et al. e três anos depois, Victoria, Barros e Vaughan fizeram novas

Resultados e Discussão

A adaptação do modelo (Quadros 1 e 2) de Bronfman & Tuíram (1984) por Lombardi et AL (1988), primeiro identifica variáveis e indicadores para definição da situação de classe social, considerando o novo processo de produção, para em seguida definir a composição das classes sociais e seus esquemas classificatórios.

Segundo Santos (2005, p. 37-39) (Quadro 3), a definição de cada categoria leva em conta a "posição na ocupação" ou o *status* do empregador, "distinguindo-se as posições de empregador, empregado, trabalhador por conta própria e empregado doméstico". Ainda, segundo o mesmo autor, "A atual classificação beneficia-se da nova Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) que separa gerentes de supervisores. Trata-se de uma classificação ocupacional compatível com a International Statistical Classification of Occupations (ISCO-88) em termos de sua lógica

adaptações do modelo proposto por Bronfman & Tuíram (1984) para que fosse possível a adequação às características sócio-econômicas de Pelotas.

Estas relações implicam no uso de uma classificação sócio-econômica, para identificar a classe social a qual a população participante do estudo se encontra. Nesse sentido, no Brasil, Santos (2005, p. 27-45), apresenta uma nova classificação sócio-econômica para a sociedade brasileira, valendo-se das contribuições teóricas realizadas por Wright (1997, p. 24), dentro da tradição marxista em análise de classe. A estrutura social brasileira tem suas especificidades que se materializam na geração de uma heterogeneidade sócio-econômica incluindo aí o segmento do auto-emprego e as formas exarcebadas de destituição do universo do trabalho assalariado.

Santos (2005) demarca as categorias de classe considerando a posição da ocupação, ou o *status* do emprego, distinguindo-se as posições de empregador, empregado, trabalhador por conta própria e empregado doméstico. Wright (1997, p. 24) constrói uma tipologia básica em função da propriedade de ativos de capital, do controle diferenciado de ativos de qualificação e da relação com o exercício de autoridade dentro da produção. Goldthorpe considera que as sociedades modernas, baseadas nas instituições da propriedade privada e do mercado de trabalho, reproduzem divisões de classes derivadas da natureza das relações e das condições de emprego. Elabora um esquema de classe cuja meta consiste em "diferenciar posições dentro dos *mercados de trabalhos e unidades de produção* ou, mais especificamente, pode-se dizer, diferenciar tais posições em termos das *relações de emprego que elas supõem*". (Erikson & Goldthorpe, 1992, p. 37.

de construção (...)" (Hoffmann, 1999, p. 6-7 apud Santos, 2005). O esquema organizado por Goldthorpe (Quadro 4) (2000, p. 209) permite identificar e diferenciar as posições ocupadas no mercado de trabalho local, definir as unidades de produção e as formas de regulação do emprego.

Wright (1997) elabora uma tipologia básica (Quadro 5) a partir da função da propriedade de ativos de capital, do controle diferenciado de ativos de qualificação e da relação com o exercício de autoridade dentro da produção. Essa tipologia permite que as posições assimétricas estejam relativamente mensuradas.

Com se observa todos os esquemas são de uso em estudos epidemiológicos, embora poucos sejam os pesquisadores que deles façam uso, preferindo utilizar as variáveis escolaridade, ocupação e renda. O uso de um esquema ou modelo classificatório compreende um conjunto de categorias e indicadores que cumprem os

princípios de exaustividade, em todos os casos e a exclusividade, que por sua vez afirma que uma categoria não se encontra em nenhuma outra. As categorias são homogêneas em seus atributos

internos e relevantes e, ainda, dessemelhantes umas das outras.

Proprietários		Empregados		Exerce autoridade	Relação de autoridade
Contrata trabalho	Capitalista	Gerentes especialistas	Gerentes não especialistas		
Não contrata trabalho	Pequena burguesia	Especialistas	Trabalhadores		
		Possui qualificações escassas	Não especialista		
		Relações com qualificações escassas			

Quadro 1 – Tipologia básica em função da propriedade de ativos de capital. Fonte: Wright (1989, p.24)

Burguesia: proprietários de meios de produção
Empregar cinco ou mais pessoas. Ter renda individual superior a quinze salários mínimos
Nova pequena burguesia: "agentes sociais que ocupam os postos de mais alto nível técnico e de tomada de decisões" 1. Trabalhadores assalariados com funções próprias do capital 2. Trabalhadores assalariados que exercem funções de direção no setor público 3. Trabalhadores assalariados "que exercem funções as quais, apesar de direção, requerem uma formação profissional de nível universitário e controle técnico dos meios de produção: engenheiros, cientistas, agrônomos e aqueles cuja função é servir de veículo transmissor da ideologia dominante (jornalistas, professores, publicitários, e outros)".
Pequena burguesia tradicional: "agentes sociais que, sem possuir formação universitária, possuem a capacidade de reproduzir-se de maneira independente por disporem de meios de produção próprios". Possuem unidades de produção de escalas simples(...)
Proletariado: "agentes sociais que, estando submetidos a uma relação de exploração, não exercem eles mesmos nem direta nem indiretamente função de exploração". Os trabalhadores não dispõem de meios de produção e de trabalho, vendem a força de trabalho para a sobrevivência, são objetos de extração de uma proporção do produto de seu trabalho e não possuem formação de nível superior. 1. Proletariado típico: trabalhadores vinculados com a produção e o transporte de mercadorias (pedreiros, operários, motoristas). 2. Proletariado não-típico: assalariados que somente têm relação indireta com a produção.
Sub-proletariado: agentes sociais que desempenham uma atividade predominantemente não assalariada, em geral instável. 1. agentes possuidores de simples artefatos ou instrumentos rudimentares para o desempenho de seu trabalho. 2. agentes que não possuem meios de produção e transitam entre ocupações por conta própria e assalariadas.. 3. agentes sociais que não possuem meios de produção e que transitam entre ocupações por conta própria e assalariadas não qualificadas.

Quadro 2 - Composição das classes sociais e esquemas classificatórios esquemas classificatórios. Fonte: Lombardi et al, 1988.

Categorias	Crítérios operacionais
Capitalistas e Fazendeiros	Posição na ocupação de empregador; empregador não-agrícola com mais de 11 empregados; empregador agrícola com mais de 6 empregados permanentes ou mais de 11 temporários; empregador agrícola com 1.000 hectares ou mais de terra
Pequenos empregadores	Posição na ocupação de empregador; empregador não-agrícola com mais de 1 a 10 empregados; empregador agrícola com 3 a 10 empregados permanentes...
Conta-próprias não agrícolas	Posição na ocupação de conta-própria com atividade de natureza não agrícola, e possua estabelecimento (...), veículo auto-motor (...).
Conta-próprias agrícolas	Posição na ocupação de conta-própria com atividade em empreendimento do ramo que compreende a agricultura, silvicultura, pecuária, extração vegetal, pesca e piscicultura.
Especialistas auto-empregados	Posição na ocupação de conta-própria ou empregador; especialista de acordo com o grupo ocupacional, com até 5 empregados ou sem empregados, com ou sem estabelecimento (...)
Gerentes	Posição na ocupação de empregado; especialista de acordo com o grupo ocupacional, abrangendo os diretores de empresas, dirigentes da administração pública, administradores em organizações de interesse público (...) e gerentes de produção, operações e de áreas de apoio.
Empregados especialistas	Posição na ocupação de empregado, especialista de acordo com o grupo ocupacional, incluindo as profissões credenciadas, as profissões de menor poder profissional e os professores do ensino médio e profissional com formação superior.
Empregados qualificados	Posição na ocupação de empregado, empregado qualificado de acordo com o grupo ocupacional, abrangendo os técnicos de nível médio nas diversas áreas, professores de nível médio ou formação superior no ensino infantil, fundamental e profissional, professores em educação física e educação especial.
Supervisores	Posição na ocupação de empregado, supervisor, chefe, mestre ou contramestre de acordo com o grupo ocupacional
Trabalhadores	Posição na ocupação de empregado, trabalhador em reparação e manutenção mecânica, ferramenteiro e operador de centro de usinagem; trabalhador de semi-rotina na operação de instalações químicas, petroquímicas e de geração e distribuição de energia; trabalhador de semi-rotina em serviços administrativos, comércio e vendas; trabalhador de rotina na operação de máquinas na indústria; trabalhador de rotina em serviços administrativos, comércio e vendas.
Trabalhadores elementares	Posição na ocupação de empregado, trabalhador com tarefas de trabalho bastante elementares na indústria e nos serviços, como ajudantes de obras, na manutenção de vias públicas, faxineiros, lixeiros e carregadores de carga; trabalhadores manuais agrícolas, garimpeiros e salineiros, exclusive os trabalhadores na mercantilização agrícola, florestal e drenagem.
Conta-próprias precários	Posição na ocupação de conta-própria e empreendimento ou titular sem a posse de nenhuma das seguintes condições: estabelecimento (...);veículo automotor (...); posição na ocupação de trabalhador na produção do próprio consumo; posição na ocupação de trabalhador na construção para o próprio uso.
Empregados domésticos	Posição na ocupação de trabalhador doméstico, com ou sem carteira assinada.

Quadro 3 - Brasil: classificação sócio-econômica por categorias empíricas e critérios operacionais (forma resumida). Fonte: Santos, 2005, p 38.

Variáveis	Indicadores
Primeira dimensão: lugar que ocupa em um sistema de produção historicamente determinado	
Condição de atividade	Atividade no momento (trabalhando, desempregado, aposentado, etc)
Setor de atividade	Atividade do estabelecimento (empresa, negócio ou instituição)
Ramo de atividade	Idem
Tipo de atividade	Nome da ocupação e tarefas mais importantes que desenvolve
Posição na ocupação	Posição na ocupação
Compra de força de trabalho	Número de trabalhadores que emprega ou contrata
Segunda dimensão: relação com os meios de produção	
Propriedade dos meios de produção	Propriedade dos meios de produção
Terceira dimensão: papel na organização social do trabalho	
Formação da força de trabalho	
a. Escolaridade	Nível de escolaridade
b. conhecimento de ofício	Tipo de ocupação
Quarta dimensão: magnitude e forma em que recebem a parte da riqueza social de que dispõe	
Magnitude do salário	Montante do salário
Magnitude de outras fontes de renda	Montante de rendimentos oriundos de outras fontes de renda

Quadro 4 – Variáveis e indicadores para definição da situação de classe social. Fonte: Lombardi et al, 1988, Adap. de Bronfman & Tuíram(1984)

Conclusão

Os modelos classificatórios apresentados têm em comum a apresentação de variáveis e indicadores que permitem operacionalizar o conceito de classes sociais, mantendo o conteúdo delas tal como ditado pela concepção sociológica clássica. Com base nelas, a população estudada pode ser classificada nas classes sociais. Por fim, a razão principal de se utilizar um destes modelos é a possibilidade de se relacionar os diferentes estudos locais e alcançar uma perspectiva

nacional das questões de saúde pública, o que a sociedade brasileira vem necessitando.

Com referência as tipologias de posições ou situações de classes sociais, elas se apresentam como classificações qualitativas, não necessitando de quantificação ou análise estatística, pois representam tipos conceituais e não casos empíricos. Sua vantagem está em ser um instrumento analítico a “serviço da investigação empírica” e que se deve “estabelecer a correspondência entre o tipo conceitual e a sua contraparte empírica” (Santos, 2005, p. 37; Brailey, 1994 apud Santos, 2005).

Referências Bibliográficas

- LOMBARDI, Cíntia; BRONFMAN, M; FACCHINI, L A, VICTORA, C G; BARROS, F C; BÉRIA, J U; TEIXEIRA, A M B. Operacionalização do conceito de classe social em estudos epidemiológicos. Revista Saúde Pública, V 22 N 4. São Paulo, 1988.
- MATOS, José A F. Uma classificação sócio-econômica para o Brasil. Revista Brasileira de Ciências Sociais. V 20 B 58, 2005, p. 27-45.
- MARX, K. Intodución general a la critica de la economia política. México: Pasado y Presente, 1982.
- LENIN, V I Uma gran iniciativa. In Obras Completas. Moscou: Progresso, 1957, tomos I e II, p. 162.
- SANTOS, José Alcides F. Uma classificação sócio-econômica para o Brasil. Revista Brasileira de Ciências Sociais. V 20 N 58. São Paulo, 2005, p. 27-47
- WRIGHT, Erik Olin et al. The debate on classes. Londres. Verso. 1989, p. 36.